



# Canções da Mata Atlântica

Concluído o projeto que reúne filme e livro com textos de Tom Jobim e fotos de sua mulher Ana

**D**EPOIS de produzir um tratado científico sobre a Mata Atlântica, num livro publicado em 1988, a Editora Index achou que já era hora de encher de poesia a história da vegetação que os portugueses encontraram ao desembarcar aqui em 1500. E ninguém melhor para viajar sobre o tema do que Tom Jobim, que sempre sempre buscou inspiração na "floresta encantada mais bonita que existe no mundo", como ele a definiu ao **JORNAL DO BRASIL**, por telefone, de Nova Iorque, onde ainda está decidindo se vem ao Rio acompanhar o lançamento de seu novo álbum, *Antônio Brasileiro*, previsto para o próximo dia 16 (leia detalhes nesta página).

O projeto multimídia reúne o livro *Mata Atlântica — visão do paraíso*, com 120 páginas contendo 50 fotos de Ana Jobim (mulher de Tom), 30 ilustrações e vários textos do compositor, como *E era onça mesmo* (leia trecho abaixo), além de um vídeo, dirigido por Flávio Tambelini e produzido por Walter Moreira Salles Júnior, que vai ao ar na TV Bandeirantes no final do ano. O lançamento do livro acontece em março no Museu de Arte Moderna do Rio, e segue para o Museu Casa Brasil, em São Paulo. No dia 28 de junho será inaugurada uma exposição no Barbican Center, em Londres. A programação londrina se encerra dois dias depois com um show de Tom no Royal Albert Hall.

O livro *Mata Atlântica — visão do paraíso* começa com o primeiro mapa do Brasil, feito em 1502. A terra à vista era o resultado da separação dos continentes da África e América do Sul, e o conseqüente surgimento do Oceano Atlântico, cuja umidade deu origem à nossa floresta tropical costeira. "Não ficamos restritos à Mata Atlântica, mas incluímos também as áreas adjacentes, como as restingas, os campos de altitude e o oceano", completa José Paulo Moreira da Fonseca, da Editora Index, idealizador do projeto junto com sua mulher e sócia, Cristina Ferrão. A idéia, gestada há dois anos, começou a se concretizar em junho, quando Ana Jobim e Flávio Tambelini iniciaram sua jornada de três meses pelos 5% remanescentes da cobertura de Mata Atlântica do território nacional (um milhão de quilômetros quadrados na época em que o Brasil foi descoberto). "O pessoal só destrói as coisas boas", revolta-se Tom, acrescentando que "um quilômetro quadrado de Mata Atlântica é mais rico que dez de Floresta Amazônica". O projeto vai inaugurar a venda antecipada de livros autografados através do cartão de crédito (o Dinners, patrocinador junto com a fábrica de tecidos Brasépêrola).

Águas de março, Sabiá, Pato preto, Samba do avião e Wave são algumas das músicas que Tom Jobim compôs inspirado na natureza, sua grande musa ao lado das mu-

lheres. "É difícil distinguir onde começa a natureza, onde acaba o feminino", disse certa vez. Trechos pinçados destas composições também ilustram as fotos que Ana Jobim tirou do Ceará ao Rio Grande do Sul. A influência ecológica está na alma de Tom desde a infância, dividida entre o litoral e o interior de São Paulo. Na realidade, as lembranças transcendem os tempos de criança, já que Tom é da família do bandeirante Paes Leme — um dos desbravadores da Mata Atlântica.

Entre tudo o que viu, Ana Jobim ficou extasiada com a exuberância da reserva de Itaimbezinho, no Rio Grande do Sul. "São canyons grandiosos, que imprimiram imagens impressionantes na minha memória", exalta. A devastação também foi assustadora, especialmente no Espírito Santo e sul da Bahia. "Essa área foi ocupada por um verdadeiro muro de eucaliptos plantados linearmente, acompanhando uma enorme reta. Uma paisagem apocalíptica. E parece que este desmatamento é recente, porque tenho um amigo que foi ao Piauí há 20 anos e ainda encontrou muita Mata Atlântica", recorda-se Ana.

O prefácio do livro é de um especialista, José Pedro Oliveira Costa, que também forneceu assessoria à equipe, e cujo texto é ilustrado com as figuras dos viajantes que aqui vieram registrar imagens dos trópicos. "Vem do pau-brasil a riqueza primeira, uma das mais interessantes histórias de nossa floresta. Um diálogo do chefe tamoio com Jean Lery — que aqui chegou com Villegaignon na metade do século 16 —, para explicar o porquê de tanta madeira embarcada para a Europa, ilustra bem o o valor dessa riqueza: 'Existem florestas na França, porém não há nenhuma madeira com esta qualidade de tingimento'". De fato, Ana Jobim pôde constatar que o hábito extrativista está longe de acabar: "Vi centenas de caminhões novos, reluzentes, transportando as toras de madeira que cedem lugar aos eucaliptos para as fábricas de celulose", denuncia.

A equipe de Flávio Tambelini passou oito dias filmando com Tom — "é difícil tirá-lo do eixo casa-Churrascaria Plataforma, mas ele foi superprestativo", acrescenta o diretor —, em locações que incluíram Parati, o Arpoador e a florestinha no terreno onde mora o compositor, no Jardim Botânico. "Foi um filme feito para cinema, com a qualidade do Super 16, onde editamos conversas como a dele com um amigo antigo, o pescador *Cabinho*, no Arpoador, e com Sérgio Vahia, um conhecedor de bichos e pássaros, no quintal de Tom", revela. Outro cenário escolhido foi o sítio Burle Marx, em Guaratiba, com imagens mescladas às composições que tiveram a natureza como matéria-prima, e a viagem pelo Brasil, sem Tom. "Depois, o filme vai virar home video, e o produtor já está negociando sua venda para a França", acrescenta Tambelini. (Celina Côrtes)



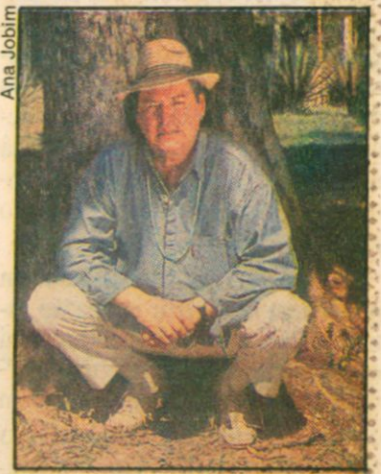
Ervas extraídas da Mata Atlântica nas imagens fotográficas Ana Jobim

## TOM E A ONÇA

"Cruzou a bandeira no ombro e botou os pios no bolso, de jeito que não chacoalhassem na caminhada. E foi subindo o lançante. Fresquito. (...) Manhã redonda, solene. O sol sarapintava o chão. Tico piou macuco. Silêncio. Nada como o tempo para passar. Tico arriscou mais um piado. Nada, nenhuma resposta. Calada do dia. Na visão periférica do Tico, algo mudou de lugar no colorido das manchas de sol. Tico voltou os olhos para a esquerda e viu a onça. Virou o cano da cartucheira, calibre 20 (para a esquerda), apontou, desfreiou, a onça parou imóvel, e disparou. O chumbo bateu na cara da onça, ela deu um pulo pra cima e caiu sentada nos quartos traseiros. Tico disparou o cano direito. A onça com as garras destruiu o mato rasteiro à sua volta. Tico recarregou e mandou mais duas cargas de chumbo no pescoço e na pá da suçuarana, que já não se governava bem e girava e escorregava ravina abaixo. Lá embaixo o grotão. Mais dois tiros imobilizaram a bichona, que ficou agarrada na vegetação rasteira e no João-barandi."

## Em NY, o compositor fala de seu novo álbum

O novo disco de Tom Jobim, *Antônio Brasileiro*, vai chegar às lojas no próximo dia 16. Produzido por Paulo e Daniel Jobim — filho e neto do compositor —, o álbum foi todo gravado no Brasil, nos estúdios da Som Livre. No repertório, Tom Jobim selecionou músicas de sua autoria que, apesar de famosas, nunca foram gravadas por ele. De Nova Iorque, Tom define *Antônio Brasileiro* como um disco "bastante brasileiro". Entre as faixas — a maior parte de sua autoria —, ele destaca o choro *Meu amigo Radamés*. "Ele compôs para mim *Meu amigo Tom*, e agora chegou a minha vez. Radamés chegou a conhecer a música antes de morrer", conta Tom.



Tom: contente com o disco

Outro destaque é o *Samba de Maria Luiza*, a filha que já está com sete anos, e continua inspirando o maestro. "Estou contente com o disco", revela, embora ainda não saiba se poderá estar aqui para o lançamento, em função de compromissos em Nova Iorque. "A contracapa traz um texto de Caetano Veloso que ficou muito bonito. Ele comentou música por música, e chega a ser comovente o que escreveu", emociona-se. (C.C.)